



EDUCAÇÃO

V.8 • N.2 • Março - 2020

ISSN Digital: 2316-3828

ISSN Impresso: 2316-333X

DOI: 10.17564/2316-3828.2020v8n2p99-116

PRIVACIDADE, LIBERDADE SEXUAL E SIGILO: SENTIDOS DE LIBERDADE NO APLICATIVO *GRINDR*

PRIVACY, SEXUAL LIBERTY AND SECRECY:
SENSES OF LIBERTY ON *GRINDR*

PRIVACIDAD, LIBERTAD SEXUAL Y CONFIDENCIALIDAD:
SENTIDOS DE LIBERTAD EN *GRINDR*

Eder Fernandes Monica¹
Ramon Silva Costa²

DOSSIÊ:

"CORPO, GÊNERO E SEXUALIDADE NA CIBERCULTURA: MODOS DE CONHECER, PRÁTICAS DE SOCIABILIDADE E REDES EDUCATIVAS"

RESUMO

O aplicativo *Grindr* possibilita a interação entre homens que buscam por homens e favorece um público de usuários que almejam contatos sexuais sigilosos. Para além das várias possibilidades de comportamento e de compreensões sobre sentidos de liberdade, o presente artigo questiona as formas como a privacidade está disposta na busca de usuários por parceiros no *Grindr*, a partir do sentido comum e específico de liberdade sexual, a de promover encontros sexuais desidentificados, sigilosos e secretos. Os encontros sigilosos poderiam ser vistos como uma forma tradicional do exercício da liberdade, em seu sentido negativo, ou seja, como o direito de ter seu espaço de privacidade protegido e como a faculdade de exercício de desejos sexuais em seus mais variados sentidos, independentemente da aceitabilidade ou aprovação social. O objetivo é o de compreender os sentidos de privacidade e liberdade sexual dos usuários anônimos, a partir do padrão comportamental básico desse tipo analisado: usuários que exigem sigilo ao buscarem por parceiros no aplicativo, no exercício da sua liberdade negativa de ação. A metodologia é composta pela observação não participante de trinta perfis do aplicativo na cidade de Juiz de Fora, a partir de duas categorias de análise: os padrões estéticos de apresentação no perfil e as menções ao sigilo e ao grupo ao qual se identificam. Tais categorias servem para um debate dentro das teorias de sexualidade discutidas no artigo. A análise dos perfis indica que há uma variedade de performances de masculinidades na rede e que a privacidade é o que possibilita a experiência sexual de muitos homens que estão inseridos em contextos pessoais e socioculturais de naturalização da heterossexualidade, do masculino hegemônico e de su-

bordinação das identidades desviantes. Dessa forma, o aplicativo *Grindr* é visto como um espaço privilegiado para a execução de sua liberdade sexual sigilosa, sem, necessariamente, a assunção de outros aspectos ligados à sexualidade homossexual, como a luta por publicidade e aceitabilidade social, típicas de grupos e movimentos LGBTI.

PALAVRAS-CHAVE

Grindr. Privacidade. Liberdade. Sexualidade.

ABSTRACT

The Grindr app enables interaction between men seeking men and favors an audience of users who crave confidential sexual contacts. In addition to the various possibilities of behavior and understandings about the senses of freedom, this article questions the ways in which privacy is available in the search for partners by Grindr users, based on the common and specific sense of sexual freedom, to promote encounters. unidentified, confidential and secret sexual encounters could be seen as a traditional form of the exercise of freedom, in its negative sense, that is, as the right to have its privacy space protected and as the faculty of exercising sexual desires in its various senses, regardless of social acceptability or approval. Thus, the goal is to understand the privacy and sexual freedom of anonymous users, based on the basic behavioral pattern of this type analyzed: users who demand confidentiality when looking for partners in the app, in the exercise of their negative freedom of action. Thus, the methodology is composed by the non-participant observation of thirty app profiles in the city of Juiz de Fora, from two categories of analysis: the aesthetic patterns of profile presentation and the mentions of confidentiality and the group to which they identify. These categories serve for a debate within the theories of sexuality discussed in the article. Profiles analysis indicates that there are a variety of masculinity performances on the web and that privacy is what enables the sexual experience of many men who are embedded in personal and sociocultural contexts of naturalization of heterosexuality, hegemonic masculinity and subordination of deviant identity. Thus, the Grindr application is seen as a privileged space for the execution of its confidential sexual freedom, without necessarily assuming other aspects related to homosexual sexuality, such as the struggle for publicity and social acceptability, typical of LGBTI groups movements.

KEYWORDS

Grindr. Privacy. Liberty. Sexuality

RESUMEN

La aplicación Grindr permite la interacción entre hombres que buscan hombres y prefieren una audiencia de usuarios que también comparten contactos sexuales. Además de las diversas posibilidades de comportamiento y comprensión de los sentidos de libertad, este artículo cuestiona las formas en que se deshabilita la privacidad al buscar usuarios para los socios de Grindr, basándose en el sentido común y específico de la libertad sexual, para promover las relaciones sexuales, no identificados y secretos. Los encuentros confidenciales pueden verse como una forma tradicional de ejercer la libertad en su sentido negativo, es decir, como el derecho de su espacio de privacidad protegido y como una facultad para ejercer los deseos sexuales en sus más variados sentidos, utilizando la aceptabilidad o expectativa social. Por lo tanto, el objetivo es comprender la privacidad y la libertad sexual de los usuarios anónimos, basándose en el patrón de comportamiento básico de este tipo analizado: los usuarios que realizan el secreto cuando buscan socios en la aplicación, no ejercen su libertad de acción negativa. Así, una metodología compuesta por la observación no participante de treinta perfiles de aplicación en la ciudad de Juiz de Fora, a partir de dos categorías de análisis: los patrones estéticos de presentación en el perfil y como menciones de confidencialidad y el grupo al que se identifica. Estas categorías sirven para un debate dentro de las teorías de la sexualidad discutidas en el artículo. Un análisis de los perfiles indica que hay una variedad de actuaciones de masculinidad en la Web y que la privacidad es la posibilidad de una experiencia sexual de hombres que se insertan en contextos personales y socioculturales de naturalización de la heterosexualidad, hegemónicos y subordinación de identidad. desviada, Por lo tanto, la aplicación Grindr es vista como un espacio privilegiado para la ejecución de su libertad sexual confidencial e intacta, una suposición de otros aspectos relacionados con la sexualidad homosexual, como la lucha por la publicidad y la aceptabilidad social, características de los grupos y movimientos LGBTI.

PALABRAS CLAVE

Grindr; Privacidad; Libertad; Sexualidad

1 INTRODUÇÃO

As novas possibilidades de comunicação humana dadas pelas atuais tecnologias de relacionamento virtual trazem a oportunidade de estudos sobre as reconfigurações de nosso comportamento individual e social. Estamos vivenciando o que Pierre Lévy (2001) indica como cibercultura, ou seja, uma cultura dimensionada a partir da *internet* e dos usos das tecnologias cada vez mais sofisticadas e disponíveis no ciberespaço.

Segundo Richard Miskolci (2017), a busca por sexo e relacionamento entre parceiros do mesmo sexo acompanha esses processos tecnológicos, sendo inúmeras as redes de relacionamento para esse tipo de público. Dentre elas, está o aplicativo *Grindr*, um dos aplicativos mais utilizados pelo público gay. Ele facilita encontros e contatos entre seus usuários por meio da tecnologia de geolocalização (*GPS- Global Positioning System*), que permite que os indivíduos vejam quem está próximo do local onde estão usando a rede e assim podem iniciar os mais diversos tipos de usos. Dada a funcionalidade do mecanismo de geolocalização, o aplicativo acaba sendo utilizado como instrumento de promoção do sexo rápido, casual, com a finalidade única de proporcionar prazer momentâneo para seus adeptos.

O *Grindr* redimensiona as personalidades de seus usuários para a esfera digital, assim como suas sociabilidades, o que perpassa a construção de gênero e sexualidade na qual estão inseridos, refletindo-se, analogamente, em um “catálogo” de corpos disponíveis para interações com finalidades sexuais. O que vemos ao observar os perfis do aplicativo é a digitalização dos corpos e de desejos, reconfigurados no meio virtual para a busca de relações sexuais.

Dentre os anseios dos usuários, destacamos o sigilo requerido e efetivado por muitos deles ao utilizarem essa rede. É importante salientar que, em nossas pesquisas (MONICA; COSTA, 2019a, 2019b), percebemos que o grande sucesso do *Grindr* está na sua possibilidade de garantir anonimato e instantaneidade relacional, diferenciando-se de outros aplicativos que buscam interações que não se resolvem no instantâneo, reduzindo assim o impacto dos aspectos relacionados com a privacidade.

Diante de várias possibilidades de análise², nosso objetivo específico neste artigo é o de compreender como os perfis anônimos e que exigem sigilo nos contatos digitais vivenciam a sexualidade por meio do aplicativo e qual a função da privacidade nesse contexto. Partimos do pressuposto que a privacidade compreendida enquanto sigilo na rede é o que possibilita a experiência sexual de muitos homens, particularmente aqueles que não assumem publicamente a homossexualidade, pelos seus mais variados motivos.

Apesar da relevância dos motivos, investigamos aqui as nuances da liberdade sexual quando desfrutada dentro de parâmetros de privacidade que não exigem que a identidade sexual seja publicitada ou questionada publicamente. Assim, a liberdade sexual desses usuários pode ser efetivada por meio do anonimato possibilitado pela rede, sendo a privacidade o elemento crucial para esse exercício da sexualidade.

Para tal intento, o artigo estrutura-se em quatro partes. A primeira encarrega-se de apresentar o percurso metodológico do trabalho. Em seguida, há a contextualização acerca do advento das possibilidades de interação e busca por relacionamentos por meio dos aplicativos. Em um terceiro momento, abordamos as construções de masculinidades dispostas no *Grindr*. Por fim, alçamos o debate acerca da privacidade como cerne da liberdade sexual para esses usuários que valoram profundamente os aspectos de sigilo e discrição.

2 Este artigo é um recorte de uma pesquisa mais ampla efetivada por seus autores desde 2017 no âmbito do Grupo de Pesquisa Sexualidade, Direito e Democracia do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Direito da Universidade Federal Fluminense.

2 METODOLOGIA

A pesquisa empreendida é motivada por inquietações sobre os direitos relacionados à sexualidade de usuários de redes de relacionamento, em específico noções como privacidade, liberdade sexual, intimidade e vida privada. Nesse sentido, o *Grindr* tem uma grande parte de usuários que preservam seu anonimato e que buscam interações sigilosas. Essas características são observadas em seus perfis no aplicativo, principalmente em seus textos de apresentação e na ocultação de seus rostos nas fotos de perfil. Essa particularidade levou os autores a questionar os vários sentidos de privacidade e liberdade sexual promovidos pelo aplicativo, mas, principalmente, o sentido de liberdade negativa da tradição liberal, que é o que mais se destaca dentre os usuários que solicitam sigilo e discrição.

Foi empregada a metodologia de observação não participante dos perfis para uma abordagem acerca da relação entre privacidade e liberdade sexual. Foram observados trinta perfis a partir da cidade de Juiz de Fora-MG, de junho a agosto de 2019. Com os parâmetros de geolocalização do aplicativo ajustados para apresentar perfis em um diâmetro geográfico que compreendesse a cidade de Juiz de Fora, conseguimos reunir uma amostragem aleatória dos trinta primeiros perfis que se apresentavam próximos ao ponto fixo de localização e coleta de dados.

Em outras pesquisas, podemos observar que o padrão de perfis de acesso ao aplicativo modifica-se ao se tratar de cidades pequenas ou cidades grandes (MISKOLCI, 2017; MAIA; BIANCHI, 2014; MARTINS FILHO, 2014). Assim, em síntese, percebe-se que quanto maior a cidade, menor é a preocupação com privacidade e sigilo; quanto menor a cidade, maior é essa preocupação. Sendo Juiz de Fora uma cidade de médio porte, entendemos que a amostragem ali coletada é representativa de um meio-termo entre os dois extremos acima apresentados.

Optamos pela observação não participante porque não era necessário, para os motivos deste artigo, interação com os perfis selecionados. Essa metodologia pode ser caracterizada como simples, ou passiva, visto que se configura como um método no qual o pesquisador não interfere nas dinâmicas do observado, ou seja, não há uma interação entre observador e observado (GIL, 2007). Assim, a observação empregada consistiu-se em uma análise dos perfis e seus dados imagéticos e textuais.

Nesse sentido, como pressuposto ético, este trabalho não traz imagens dos perfis observados, apenas dados gerais dessa população, sem identificação individual e social dos envolvidos. Entendemos que uma nova fase dessa pesquisa precisará observar mais atentamente quem são os sujeitos que buscam de modo destacado a privacidade e o sigilo dentro desse aplicativo.

Entretanto, para chegarmos a essa fase, precisamos passar pelo entendimento prévio dos modos como tais pessoas se apresentam nesse aplicativo e como expõem nos perfis a preocupação com privacidade e sigilo. Por isso trabalhamos com a compreensão de que um primeiro sentido de liberdade nos perfis sigilosos e discretos é o sentido tradicional da liberdade liberal negativa.

Nesse sentido, a investigação é estruturada a partir de duas categorias de análise imagética e informacional: se o perfil tem fotos de rosto, ou apenas de corpo; e se o perfil faz alguma referência ao sigilo e ao grupo ao qual per-

tence³. Os resultados são apresentados de forma dialogada com teorias sobre sexualidade, masculinidade e liberdade sexual, de acordo com inferências permitidas por um método de revisão bibliográfica e de análise crítica das teorias em seu sentido sociológico, incluindo outras pesquisas e estudos que abordam a problemática. Entendemos que, com isso, chegaremos a uma percepção geral sobre o modo de apresentação desses perfis no aplicativo, sendo isso o passo inicial para outras investigações.

3 A DIGITALIZAÇÃO DOS CORPOS

Nas duas últimas décadas presenciamos o aprimoramento constante das novas ferramentas de comunicação humana, em especial os *smartphones*, que disponibilizam uma gama de aplicativos de relacionamentos com o propósito de auxiliar na busca por pares amorosos, sexuais ou afetivos. Segundo pesquisas históricas e estatísticas (MISKOLCI, 2014, p. 272), os homens que buscam relações sexuais e afetivas com outros homens foram os primeiros a se beneficiarem do uso desses aplicativos, principalmente em decorrência da marginalização social da homossexualidade e necessidade de sigilo e discrição em suas atividades sexuais.

Os aplicativos, enquanto instrumentos despersonalizados e propícios para encontros discretos e sigilosos foram amplamente popularizados nesse grupo de pessoas. Os espaços tradicionais de encontros, como guetos, bares e locais específicos para encontros entre pessoas do mesmo sexo, entraram paulatinamente em concorrência com esses novos aplicativos de encontros e “paqueras” virtuais. Mais seguros, menos visíveis, tornaram-se o instrumento perfeito para aqueles que precisavam realizar seus desejos homossexuais, mas dentro de padrões de sigilo e privacidade.

O *Grindr* foi o primeiro aplicativo para a busca de parceiros. Lançado em 2009, está hoje disponível para os brasileiros em sistemas como o Android⁴ e iOS⁵ de celulares. Os usuários têm à sua disposição uma gama de interações e relações possíveis e podem efetivar diversos tipos de acordos sexuais e/ou afetivos. Além disso, os perfis podem ser caracterizados a partir de dados como idade, altura, peso, preferências sexuais, “tribos”, etnia, sorologia para HIV e data de seu último exame etc.

Geralmente, os perfis apresentam fotos públicas que o próprio usuário escolhe como apresentação do seu perfil. São imagens avaliadas previamente pelo aplicativo, para evitar a publicação de fotos pornográficas ou de forte insinuação sexual. Caso o usuário queira enviar fotos pornográficas ou sexuais, ele precisa enviar diretamente na caixa de mensagem do perfil que ele seleciona. É até possível que o usuário não use foto alguma em seu perfil, o que já demonstra sua preocupação com anonimato e privacidade.

3 O Grindr traz a possibilidade do usuário se enquadrar em algum grupo que referencie características físicas, pessoais e sociais de homens gays. Os grupos são chamados de tribos e o aplicativo oferece as seguintes opções: Urso, Elegante, Papai, Discreto, Nerd, Barbie, Couro, Malhadinho, Soropositivo, Cafuçu, Trans, Garotos e Sóbrio.

4 Sistema operacional de smartphones, netbooks e tablets. É desenvolvido pela Open Handset Alliance, uma aliança entre várias empresas, dentre elas a Google.

5 Sistema operacional móvel da Apple Inc. desenvolvido originalmente para o iPhone, também é usado nos aparelhos iPod touch e iPad.

O que mais se destacou como utilidade desse aplicativo, em comparação com outros aplicativos disponíveis no mercado, é o seu uso para práticas sexuais pontuais e aleatórias, comumente chamadas, nesse ambiente, de *fast-foda*, sexo rápido, "real", ou outros termos semelhantes. Nesse sentido, as pessoas se relacionam a partir das possibilidades tecnológicas de interação concedidas por essas redes e a "*fast-foda*" buscada por usuários do Grindr está incluída nessa facilitação tecnológica para busca de parceiros.

Assim, a rede oferece privacidade, anonimato e satisfação sexual, sem questionamentos sobre identidade sexual ou seu reconhecimento público. Essa interação das pessoas com a tecnologia é um dos principais objetos de análise de David Le Breton (2012, p. 26), indicando que a Modernidade promoveu a autonomia do corpo e da "alma", levando a uma recomposição das relações sociais, corporalidades e práticas.

Para o autor, como exemplo desse processo, as atuais tecnologias da informação possibilitaram "uma humanidade modificada". Assim, extinguem-se as fronteiras entre "o sujeito e o objeto, o humano e a máquina, o vivente e o inerte, o natural e o artificial, o biológico e o protético". As tecnologias unem-se ao corpo dos indivíduos e redefinem a condição humana, ampliando o estado de efemeridade e praticidade das experiências do indivíduo pós-moderno (LE BRETON, 2012, p. 27).

Dessa forma, compreende-se a busca digital por parceiros como inserida nos sentidos da cibercultura pensada por Lévy (2001). Essa cultura funde-se aos espaços geográficos por meio das práticas vivenciadas pelos indivíduos, resultando naquilo que Lemos conceituou como "cibercidades" (LE MOS, 2011), sendo esse o cenário no qual as sociabilidades homossexuais se digitalizam e ampliam as possibilidades físicas por meio das interações virtuais.

O uso do *smartphone*, munido de seus recursos de interação, alinhado ao domínio da técnica e dos códigos sociais, permite uma transformação das relações entre os atores sociais, seus corpos e os espaços que ocupam na cidade (BIANCHI, 2014, p. 4). Assim, a digitalização dos corpos vincula-se à esfera de interação entre as pessoas por meio de seus *smartphones*. De acordo com Luiz Felipe Zago (2013, p. 420), as redes de relacionamento homossexual centram-se nos corpos que são movidos pela biossociabilidade, na qual o corpo entra em cena e faz a cena na busca digital.

Segundo Miskolci (2014, p. 286), a busca por parceiros nos ambientes virtuais é movida pelos "desejos digitais", que não se vinculam apenas ao ímpeto sexual, mas tão pouco limitam-se a uma esfera "dessexualizada". O autor identifica que o "motor desejanter" por trás da busca digital envolve aspectos implícitos além do sexo, como o anseio de aceitação/inserção social. Esse anseio é o que define os critérios de seleção de parceiros. Portanto, não é possível definir univocamente o que rege essa busca, pois o aplicativo contempla um público vasto em subjetividades e desejos.

Também podemos perceber que os usuários estão inseridos em um plano mercadológico, de disposição dos corpos como material de consumo sexual em um ambiente pautado pelo oferecimento de outros produtos de consumo. Os principais aplicativos são alimentados por publicidade e propaganda de vários produtos comerciais, indicando a finalidade primordial do instrumento, a lucratividade. Nesse sentido, também podemos pensar na forma como o mercado e o capitalismo remodelam as afetividades e os desejos sexuais, promovendo uma sexualidade privada, sigilosa e pronta para atender os anseios de seus "consumidores".

Contudo, não foram os aplicativos que determinaram absolutamente os modelos corporais, ou critérios de seleção de parceiros. Eles apenas dimensionaram e potencializaram a existência desses padrões sociais, tornando-os perceptíveis para seus usuários (MISKOLCI, 2017, p. 222).

Assim sendo, as interações digitais inserem os corpos e humanidades na tela dos celulares, sendo um reflexo das personalidades interpeladas pelas construções sociais. Os usuários ampliam suas corporalidades por meio da busca digital e os padrões de gênero e estética que marcam esses corpos são transpassados do meio físico para as redes. Nesse sentido, supera-se uma ideia popularizada de uma oposição entre real e virtual, pois o espaço digital é uma realidade, é o novo em construção e realização, é mais uma esfera das experiências sociais: a atualização da realidade.

4 OS CORPOS PRÓXIMOS E OS DESEJOS INSTANTÂNEOS

Na tela em que é possível visualizar os usuários do *Grindr* há destaque para os perfis novos, os que instalaram recentemente o aplicativo em seus dispositivos celulares. Os demais perfis, que estão indicados pelo título “quem está por perto”, estão logo abaixo, numa extensa lista de perfis disponíveis para contato. Em ambos os grupos, as pessoas que aparecem estão geograficamente próximas, pois esse é o diferencial do aplicativo, o de contatar pessoas que mais facilmente podem se encontrar.

Se o objetivo é sexo instantâneo, longas distâncias podem ser um fator dificultoso para a utilidade do serviço. Contudo, os perfis estão dentro de um conjunto variado de pessoas que nem sempre podem atender aos anseios do usuário, ou por indisponibilidade momentânea, ou por incompatibilidade de desejos, ou objeto de procura, ou qualquer outro motivo aleatório, não tão importante para a pesquisa aqui desenvolvida.

Nesse sentido, a observação foi feita a partir de uma categoria analítica sobre os grupos dos perfis observados, a fim de compreender as identidades “performatizadas” na rede, fugindo de aspectos muito subjetivos ou individuais dos analisados. Dos trinta perfis observados, sete indicavam ser do grupo “discreto”, cinco do grupo “urso”⁶, quatro do grupo “malhadinho”, quatro do grupo “garotos”, dois do grupo “Barbie”, dois do grupo “nerd”⁸, um do grupo “cafuçu”⁹, um do grupo “papai”¹⁰ e quatro não se classificavam.

Os usuários observados demonstram, por meio de suas fotos e descrições, os aspectos que o legitimam como participantes dos determinadas grupos. Esse contexto traz implicações sobre o modo como as masculinidades são performatizadas, em um gênero masculino que cumpre um determinado papel ou estilo social, dentro de um grande grupo com várias nuances e possibilidades, como é o grupo de homens, sujeitos masculinos. E, no caso, usamos o conceito de masculinidade porque trata-se de perfis de homens cisgêneros, abarcados pelos estudos de masculinidades – *men’s studies* –, interessante marco teórico para pensarmos a relação entre desejo sexual, possibilidades de liberdade sexual e reconhecimento público de sua identidade.

6 Homens robustos/grandes, peludos e com barba.

7 Homens malhados, musculosos, que buscam padrões estéticos de um porte físico sarado.

8 Homens que gostam de jogos e filmes inseridos na cultura nerd.

9 Homens com aspecto rude e de estética viril.

10 Homens mais velhos, também conhecidos pela expressão inglesa “sugar daddy”.

A performatividade configura-se como um conjunto de ações humanas contínuas que objetivam a representação de papéis sociais, profissionais, de gênero, entre outros (SCHECHNER, 2006, p. 2). De acordo com Erving Goffman (1999), as performatividades estariam relacionadas a um sentido teatral. Assim, concebe-se uma noção de representação para o entendimento de performance.

Dessa forma, os indivíduos representam por meio da teatralidade a si mesmos, ou aos outros, dentro dos espectros sociais disponíveis, em um primeiro momento. A performance tem como cerne o convencimento dos espectadores, ou seja, é preciso que as pessoas acreditem nos atributos que o performer aparenta possuir, levando a uma sensação de que as coisas são como parecem ser, que aquele indivíduo é o que apresenta em sua performance (GOFFMAN, 1999, p. 25).

As performances estão assentadas na possibilidade de comunicação multimodal da rede. Nesse sentido, destaca-se que todos os usuários observados dos grupos Urso, Barbie, Malhadinho, Cafuçu e Papai possuem fotos do peitoral e barriga nus, sem imagens do rosto por completo. Entre os “discretos”, cinco fazem o mesmo e dois não possuem fotos de perfil. Dos quatro do grupo Garoto, três seguem a foto dos demais, enquanto um apresenta uma foto em que o rosto aparece, juntamente com o corpo.

No grupo Nerd, um apresenta foto focada apenas no rosto e o outro não possui fotos. Em relação aos usuários que não se classificaram, três possuem fotos do torso nu e um não tem fotos. Assim, dos trinta perfis analisados, vinte e cinco perfis apresentam imagens em que o corpo aparece, em todos os casos, sem camisa.

Ademais, a performance da masculinidade está ligada à estética corporal, os símbolos de masculinidade estão dispostos nas fotos dos corpos peludos, com barba, com os músculos à mostra, ou corpos sem pelos e definidos, e até em corpos robustos, de porte físico grande assim como em corpos magros, de porte físico comum. Nesse sentido, a performance do masculino estipula as chances de busca e de ser achado na rede.

Segundo Raewyn W. Connell (1995, p. 201), a masculinidade é “uma configuração de prática em torno da posição dos homens na estrutura das relações de gênero”, e existe “mais de uma configuração desse tipo em qualquer ordem de gênero de uma sociedade”.

Dessa forma, homens possuem diversas “masculinidades”, subordinadas a um ideal chamado de masculinidade hegemônica, que está adequado ao seu meio social, ou seja, é um ideal cultural de masculinidade. Além dessa forma de masculinidade, existiriam outras que manteriam relações de subordinação, aproximação ou de marginalização em relação à hegemônica (CONNEL, 1997, p. 43). É justamente esse o cenário observado no *Grindr*.

O gênero é construído e representado nas possibilidades binárias, de masculino e feminino, gramáticas correntes na leitura corporal e sexual que fazemos dos indivíduos. Como Joan Scott (1995, p. 78) evidencia, “gênero significa o saber a respeito das diferenças sexuais” e este saber, é pensado no sentido que lhe dava Michel Foucault (1993), isto é, sempre relativo; seus usos e significados “nascem de uma disputa política e são os meios pelos quais as relações de poder e a posição do dominador e subordinado são construídas”.

O que se espera da performance de gênero masculina enquadra-se em um distanciamento do que se entende enquanto feminino, sendo necessário que os corpos sejam marcados por essas diferenças

para serem entendidos como uma representação do homem. No entanto, as estruturas de poder não podem ser tomadas como definitivamente estabelecidas, mas sim como ajustadas a uma dinâmica na qual a busca de sua legitimação e o "autovelamento" de suas características históricas procura fixá-las como coisas naturais e irrevogáveis (OLIVEIRA, 1998, p. 104).

Segundo Butler (2003), a performatividade é moldada como um efeito cultural da forma como os indivíduos são ensinados a compreenderem os sentidos inteligíveis do masculino e do feminino. Esse processo é visto por Foucault (1993) como um "dispositivo histórico" no qual há uma "verdade sobre o sexo" em diversas sociedades, que padroniza os sentidos de gênero em um parâmetro biológico e determina a sexualidade em um enquadramento heterossexual e reprodutivo.

Dessa forma, Butler indica que não existe uma identidade de sexo por trás das expressões de gênero e que a identidade é constituída como uma performance. São as performances que estipulam as identidades de gênero. Portanto, o gênero demarca as diferenças biológicas, linguísticas e/ou culturais determinadas em um processo relacional, em que os corpos já diferenciados sexualmente recebem significados pela relação de oposição entre eles (BUTLER, 2003, p. 31).

Assim, o gênero é construído por meio da repetição de condutas voltadas às normas binárias sobre o que é ser homem ou mulher e expressadas nos atos corporais, roupas, estéticas e movimentos específicos. Essa é uma primeira compreensão a respeito do sentido de performatividade debatido por Butler (2003) desde os seus escritos dos anos 1990. Partindo dessa compreensão inicial de performatividade, ainda muito ligada à concepção binária de gênero, a autora aprofunda sua análise apresentando a correlação do conceito de performatividade com o de subversão de gênero.

A partir de experiências de fluidez de gênero, principalmente encontradas entre o público LGBTI, Butler sustenta a potência de perceber as performatividades de gênero como um elemento definido culturalmente que, ao ser usado subversivamente, deixa à mostra a fragilidade desse tipo de construção. Desse modo, enuncia as diferentes possibilidades do exercício da performatividade de gênero, como nos casos das pessoas que não se encaixam nos padrões tradicionais do binômio masculino/feminino, bem como aquelas que nem conseguem se identificar e se reconhecer dentro de qualquer padrão específico de gênero e sexualidade.

Então, sendo a performatividade algo mais ligado àquilo que produz determinadas noções ou posições de sujeito, ela vai além da sua expressividade de gênero ou sexual. Não é mera reprodução de papéis determinados socialmente, mas também a sua subversão e até a produção de novos papéis. A cibercultura é um espaço que não se diferencia essencialmente de outros espaços.

Desse modo, também encontramos ali um espaço de produção e constituição de sentidos de gênero e sexualidade, onde, por mais que inicialmente pensemos que as categorias de grupos sejam uma mera reprodução de performatividades já consolidadas, permitem a realização desses outros sentidos e possibilidades de construção e produção do sujeito. Estamos, de todo modo, dentro de um mecanismo que também opera os jogos de poder, as práticas de dominação e de submissão que fazem os sujeitos transitarem entre diversas dinâmicas e relações.

De acordo com Guacira Lopes Louro (2000, p. 9), na internet os indivíduos estabelecem relações que ultrapassam concepções estagnadas sobre tempo, espaço, gênero e sexualidade. Os atores digi-

tais estipulam jogos de identidade múltipla viabilizados pelo anonimato, ou até mesmo promovendo a troca de sua identidade regular.

Assim, as possibilidades da cibercultura inserem os usuários em um processo de reconhecimento das identidades, no qual também ganha espaço a atribuição de diferenças. Isso implica a instituição de desigualdades, de ordenamentos, de hierarquias e relaciona-se com as redes de poder que circulam numa sociedade. Dessa forma, o dito corpo educado, agora também digitalizado, é marcado pela heteronormatividade sedimentada nos processos socioculturais de construção do gênero e de afirmação da heterossexualidade como a sexualidade natural.

Assim sendo, o *Grindr* compreende masculinidades digitais que nada mais são que uma extensão dos sentidos socioculturais construídos sobre o masculino. A grande parte dos perfis com ênfase em representar/mostrar um corpo munido pelos símbolos de masculinidade indica um processo de identificação desses homens enquanto corpos masculinos e dotados de características de legitimação social que os afastam da construção de “efeminamento” dada pejorativamente ao homossexual.

Contudo, alguns perfis performatizam sentidos subversivos, demonstram características fora dos padrões heteronormativos de gênero, o que os enquadra no sentido da pluralidade do masculino, mesmo que estejam em um contexto de subordinação perante outras performances, o que pode variar de acordo com o local de uso do aplicativo e com os usuários que estejam próximos, demonstrando outros usos do sentido de liberdade sexual e privacidade.

5 O SIGILO: PRIVACIDADE E LIBERDADE SEXUAL NO *GRINDR*

Na observação dos perfis, o ponto para concluir a importância dada ao sigilo pelos usuários, destacando o sentido de liberdade que queremos investigar aqui, foi verificar se eles indicavam textualmente a necessidade de que suas interações fossem secretas. Nesse sentido, entre os trinta perfis analisados, dezenove expressavam o sigilo como um fator determinante para suas relações.

Esses usuários foram identificados por meio de seus apelidos como “Macho Discreto”, “Discreto”, “No Sigilo”, “Sigilo”, “Na encolha”, e, principalmente, pelos seus textos de apresentação que continham discursos como “macho discreto e fora do meio”, “não sou assumido, curto no sigilo”, “Casado, curto na encolha”, “Discreto, não sou e não curto afeminados”, “macho afim de machos no sigilo”, dentre outros textos que indicam expressamente a centralidade do sigilo para as interações, assim como em alguns casos um afastamento da ideia de homossexualidade e/ou “efeminamento”. Além disso, desses dezenove perfis, dezessete usam fotos do torso nu, sem que apareça o rosto por completo e dois não possuem imagens.

Segundo Stefano Rodotà (2008), a privacidade é pensada historicamente e juridicamente como uma condição estabelecida pela dicotomia entre o público e o privado. Cabe ao indivíduo determinar as informações sobre si que deseja tornar públicas e quais almeja manter sobre a proteção da esfera privada, que deve ser entendida como inviolável, como um direito do indivíduo de não ser incomodado em sua intimidade. Podemos afirmar o sentido tradicional liberal dessa compreensão sobre liberdade, protegida pelos sistemas jurídicos modernos.

Essa concepção na qual a privacidade foi instituída enquanto direito, foi alterada pelas novas tecnologias de comunicação, visto que atualmente é possível uma gama de violações que ultrapassam esse imperativo dicotômico, sendo necessária a centralidade do controle dos indivíduos sobre seus dados pessoais, abrindo espaço para a chamada autodeterminação informativa¹¹. Nesse sentido, houve até a criação de leis específicas que tratam a proteção da privacidade e dos dados pessoais em redes como o *Grindr*¹².

Contudo, a privacidade neste aplicativo se configura como a possibilidade de obter discrição, sigilo e anonimato para muitos usuários que não desejam vivenciar a sexualidade de forma explícita, pública ou assumida. Poderíamos afirmar que estamos diante do sentido tradicional de liberdade, vinculado à noção moderna de liberdade negativa, espaço protegido contra investidas externas. Esta liberdade adequa-se ao sentido clássico de privacidade, caracterizado pela dicotomia entre o público e o privado, como direito de não ser incomodado em sua esfera privada e de manter a vida privada afastada da seara pública (RODOTÀ, 2008, p. 98).

Não há, nesse campo, o desenvolvimento de preocupações mais profundas sobre a identidade do sujeito, apenas o resguardo de um espaço que, nesse sentido, é usado para a realização de desejos sexuais não aceitáveis dentro do espectro social dos indivíduos assumidos como “discretos”. Essa não aceitabilidade decorre de inúmeros fatores, como pressões sociais, pressões familiares, questões subjetivas de aceitação pessoal, dentre outros. Entretanto, esses motivos fogem do foco do artigo e serão analisados em futuras pesquisas. Mas estão em consonância com as críticas teóricas dos estudos de masculinidades, de gênero e sexualidade.

Nesse contexto, entendemos que as construções de masculinidade dispostas nos perfis estão relacionadas a um cenário de ocultação e até negação da homossexualidade, ou de práticas homossexuais, assentadas na ampliação das possibilidades de interação sexual entre homens que não se identificam enquanto homossexuais. Nesse sentido, Miskolci (2014) aponta a busca como o aspecto central do uso dessas mídias, porque para grupos como os homossexuais, flertar com liberdade e de acordo com seus próprios critérios, é uma experiência que lhes foi historicamente negada e agora, por meio da tecnologia, lhes é disponibilizada.

Poderíamos afirmar que estamos diante de um processo de modernização da sexualidade, em que esta atinge graus semelhantes a outras possibilidades de uso da liberdade em seu sentido negativo, ainda dentro da tradição liberal. E, no caso, homens que não se aceitam ou não se reconhecem como homossexuais também usufruem dessa possibilidade de libertação sexual, entretanto, dentro dos registros tradicionais da liberdade como espaço de inquestionabilidade e inviolabilidade. Nisso, eles se diferenciam de grande parte dos homossexuais assumidos que usufruem dessas plataformas, demonstrando os vários sentidos possíveis que podemos extrair do sentido de liberdade aqui desenvolvido.

Portanto, buscar alguém – mesmo sem encontrar – traz uma forma de satisfação de anseios e a sensação de controle sobre a vida amorosa, agora reconhecida pela capacidade de escolha em um

11 A autodeterminação informativa diz respeito ao controle ativo do titular sobre o trânsito de seus dados pessoais. É “um poder permanente de controle sobre seus próprios dados” (RODOTÀ, 2008).

12 No Brasil foi criada a Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais (Lei 13.709/2018), que entra em vigor em agosto de 2020.

horizonte visualizável de parceiros em potencial, longe dos olhos públicos, na privacidade do seu dispositivo móvel. Assim, os homens que buscam sigilo e discrição aumentam suas chances de encontrar parceiros que se enquadrem nesse contexto, dadas as particularidades desse novo espaço que é o dos aplicativos de relacionamento.

O sigilo requerido por esses usuários pode ser observado em uma perspectiva da “epistemologia do armário” de Eve Sedgwick (1991), que indica a discrição como um dos aspectos para manter a orientação homossexual invisível, não perceptível. Isso pode ser observado tanto no ambiente digital como nas demais sociabilidades. O objetivo é enquadrar-se na construção de uma masculinidade dada e esperada socialmente pela heteronormatividade.

Richard Johnson (1996, p.176), acompanhando esse entendimento, descreve o *closet* (armário) como uma forma escondida e “enrustida” de viver a sexualidade não hegemônica. O autor demarca o armário como fronteira das concepções binárias de sexualidade, apontando a escola como espaço essencial no qual somos educados em construções enrijecidas sobre gênero e sexualidade a partir de binarismos como: “homossexual/heterossexual; feminino/masculino; privado/público”, dentre outros.

Segundo Miskolci (2009), o armário pensado como local de ocultamento das sexualidades desviantes é ampliado nas redes de relacionamento por um processo no qual os usuários se caracterizam enquanto discretos e anônimos e desejam indivíduos que representem este mesmo perfil, como forma de resguardar duplamente a sexualidade não heterossexual. Dessa forma, é a estrutura relacional que permite as interações sexuais sigilosas, afastadas do conhecimento social e revestidas dos componentes que as descaracterizam como homossexuais.

Isto é o que aloca estas interações em uma heterossexualidade socialmente pressuposta, garantindo-se assim o segredo sobre as práticas não heterossexuais. O armário é o espaço seguro que garante a manutenção social dos padrões hegemônicos de masculinidade viril e distanciamento do feminino e da homossexualidade, é o que localiza a experiência homossexual não assumida em um espaço sigiloso.

No entanto, de acordo com Osvaldo Vasconcelos e outros autores (2017, p. 44) em pesquisa sobre o *Grindr* na cidade de Belém-PA, o anonimato requerido pelos usuários sigilosos não era plenamente possível, visto que deixavam “rastros da identidade original” em seus perfis. Assim, mesmo que eles operem “códigos, imagens e intencionalidades próprias”, que são utilizadas para a ocultação de realidades vividas em diversos contextos sociais, ainda restariam enquadrados em suas subjetividades e desejos não heterossexuais dispostos na rede.

Nesse sentido, concordamos que o sigilo não é capaz de desmarcar os corpos desviantes de suas experiências homossexuais, mas compreendemos que nos perfis observados nesta pesquisa, a privacidade acerca de suas identidades e a possibilidade de sigilo de suas práticas e interações é o que confere a liberdade sexual, no sentido almejado, mesmo com todas as questões referentes aos dados virtuais que mantém as informações dos usuários disponíveis para outros fins, como o uso mercadológico que o próprio aplicativo *Grindr* faz dos dados de seus usuários.

Portanto, a privacidade no *Grindr* é substancial para as experiências sexuais dos usuários sigilosos e é o que norteia a busca por parceiros discretos, que possam saciar seus desejos digitais e que não se desvinculam do espaço físico. Dessa forma, a exigência de sigilo por usuários pode estar ins-

crita na subordinação social historicamente dada à homossexualidade, ou seja, pode ser uma forma de não tornar público o que é visto como antinatural perante a heteronormatividade e até mesmo uma proteção contra os ataques homofóbicos.

Contudo, essa privacidade também deve ser vista na perspectiva dos usuários que a acionam para estabelecerem suas relações naquele meio. Assim, nem sempre o sigilo estará envolto em uma negação da homossexualidade, mas pode ser utilizado como um mecanismo de sociabilidade sexual, que é atravessado pelas construções de gênero e sexualidade já presenciadas em outras dinâmicas fora dos aplicativos de relacionamento.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A sexualidade, assim como todas as esferas da personalidade humana, está inserida nos processos sociais da cibercultura. A busca por parceiros sexuais foi ampliada pelas possibilidades tecnológicas e nossas sociabilidades foram redimensionadas para o espaço virtual. É nesse contexto que este trabalho encarou a digitalização dos corpos como um aspecto da interação digital entre homens no aplicativo *Grindr*.

A rede conta com um panorama sociocultural das identidades, performances e representações de si dos usuários, que estão marcados pelas construções sociais acerca do masculino. Dessa forma, as ferramentas digitais criam deslocamentos e instabilidades nas fronteiras assumidas entre os gêneros e as sexualidades, sendo um aspecto notório desse processo o anonimato permitido pelos aplicativos que atraí muitos homens que se definem como “sigilosos” ou “discretos”.

Assim, os resultados da observação não participante de trinta perfis na cidade de Juiz de Fora demonstram que dezenove usuários que requerem sigilo para suas interações não utilizam fotos de rosto e que a maioria utiliza imagens do peitoral e barriga e acentuam características de virilidade. Ademais, alguns perfis emanam discursos de rejeição à homossexualidade e rechaçam estereótipos de efeminação construídos sobre a homossexualidade, pois buscam pelo ideal de uma masculinidade hegemônica e voltada para a heteronormatividade. Estes indivíduos almejam contatos sexuais discretos no aplicativo.

Nesse sentido, essas performances de masculinidades no *Grindr* não apenas dimensionam a construção cultural do gênero, como expressam um ideal social de superioridade do masculino em detrimento do feminino. Usufruem do sentido tradicional de liberdade, enquanto esfera negativa protegida para a realização dos desejos privados, sem avançarem em questionamentos mais materiais e profundos sobre reconhecimento e validação de identidades sexuais não hegemônicas.

Dessa forma, a privacidade proporcionada pelo aplicativo torna possível a liberdade sexual, mesmo que limitada ou no seu sentido de liberdade negativa, dos usuários sigilosos, pois estes têm suas chances de encontros discretos ampliadas pela sensação de anonimato dada pela rede. Não obstante, além das performances hegemônicas, há também perfis subversivos, contra-hegemônicos e afastados de uma construção binária do gênero.

Portanto, as possibilidades de interação são afetadas pelos perfis disponíveis, sendo um contexto no qual o corpo digitalizado – incluindo seu discurso textual/imagético – define os limites relacionais

e as chances de contato dos usuários. Outros sentidos de liberdade sexual podem ser percebidos nessas dinâmicas virtuais de relacionamento. Mas, para os fins aqui delimitados, nos perfis sigilosos destaca-se o sentido liberal tradicional de liberdade: aquele espaço reservado para a satisfação de desejos pessoais, protegido de toda e qualquer interferência externa sobre os sujeitos.

REFERÊNCIAS

BIANCHI, E. Caminhos de prazer, caminhos de lazer: imagens corporais de desejo na rede geosocial Grindr. XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 37, 2014. **Anais...**, Foz do Iguaçu. 2014. Disponível em http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2014/lista_area_DT6-CU.htm. Acesso em: 10 ago. 2019.

BRASIL. Assembleia Legislativa. **Lei 13.709/2018**. Regulamenta a proteção de dados. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2018/Lei/L13709.htm. Acesso em: 23 jul. 2019.

BUTLER, J. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão de identidade. Rio de Janeiro, 2003.

CONNELL, R. W. Políticas da Masculinidade. **Educação & Realidade**, v. 20, n. 2, p. 185-206, 1995.

CONNEL, R. W. La organización social de la masculinidad. *In*: VALDÉS, T.; OLAVARRÍA, J. (Ed.). **Masculinidades**: poder e crises. Santiago: Ediciones de las Mujeres; Isis Internacional, 1997. p. 31-48.

FOUCAULT, M. **A história da Sexualidade**: I. Rio de Janeiro, 1993.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GOFFMAN, E. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Editora Vozes, 1999.

GRINDR, **Termos de serviço**. Disponível em: <https://www.grindr.com/terms-of-service/>. Acesso em: 1 ago. 2019.

JOHNSON, R. Sexual dissonances: or the 'impossibility' of sexuality education. **Curriculum studies**, v. 4, n. 2, p. 163-189, 1996.

LE BRETON, D. Individualização do corpo e tecnologias contemporâneas. *In*: COUTO, Edvaldo Souza; GOELLNER, Silvana Vilodre. (Org.). **O triunfo do corpo**: polêmicas contemporâneas. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

LE MOS, André. Mobilidade e espaço urbano. *In*: BEIGUELMAN, Giselle; La FERLA, Jorge. **Nomadismos tecnológicos**. São Paulo: editora Senac São Paulo, 2011.

LEVY, P. **A conexão planetária: o mercado, o ciberespaço, a consciência.** Tradução de Maria Lúcia Homem e Ronaldo Entler. São Paulo: Editora 34, 2001.

LOURO, G. L. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade.** Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

MAIA, J.; BIANCHI, E. Tecnologia de geolocalização: Grindr e Scruff redes geosociais gays. **LOGOS Cidades, Culturas e Tecnologias Digitais**, v. 2, n. 24, 2014. Disponível em: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/logos/article/view/14157>. Acesso em: 2 jul. 2019.

MARTINS FILHO, T. B. **Novas formas de sociabilidade nas metrópoles contemporâneas: uma investigação acerca do uso do Grindr.** São Paulo, SP, 2014. Disponível em: <http://www.revistaseletronicas.fiamfaam.br/index.php/recicofi/article/view/209/272>. Acesso em: 17 jun. 2019.

MISKOLCI, R. O armário ampliado – Notas sobre sociabilidade homoerótica na era da internet. **Revista Gênero**, Niterói, v. 9, n. 2, p. 171-190, setembro, 2009.

MISKOLCI, R. **San Francisco e a nova economia do desejo.** São Paulo: Lua Nova, 2014. p. 269-295.

MISKOLCI, R. **Desejos Digitais: uma análise sociológica da busca por parceiros on-line.** Belo Horizonte, 2017.

MONICA, E. F; COSTA, R. S. Economias sexuais e normatividade de gênero: o tratamento sociojurídico da prostituição masculina no Brasil. **Interfaces Científicas – Direito**, Aracaju, v. 7, n. 3, p. 39-52, julho, 2019. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/index.php/direito/article/view/6757/3497>. Acesso em: 12 nov. 2019.

MONICA, E. F; COSTA, R. S. A proteção de dados frente à prostituição masculina em aplicativos. Seminário Internacional sobre Democracia, Ciudadanía y Estado de Derecho, 2019, Vigo. **Actas**, 2019. p. 139-147. Disponível em: <http://sideciad.com/wp-content/uploads/2019/06/Actas-1oSideciad.pdf>. Acesso em: 12 nov. 2019.

OLIVEIRA, P. P. Discursos sobre a masculinidade. **Revista Estudos Feministas**, v. Rio de Janeiro, 6, n. 1., 1998. p. 91-112.

RODOTÀ, S. **A vida na sociedade da vigilância: a privacidade hoje.** Rio de Janeiro: Renovar, 2008.

SCHECHNER, R. O que é performance? [S. l.], 2006. Disponível em: https://performancesculturais.emac.ufg.br/up/378/o/O_QUE_EH_PERF_SCHECHNER.pdf. Acesso em 20 jul. 2019.

SEDGWICK, E. K. *Epistemology of the Closet*. Hemel Hempstead: Harvester Wheatsheaf, 1991.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 2, n. 20. p. 71-100, 1995.

VASCONCELOS, O. S; VIEIRA, M. C; CAL, D. G. R. Vitrine Virtual: comunicação, práticas corporais e sociabilidade no Grindr. **Verso e Reverso**, v. 31, n. 76, p. 36-45, 2017.

ZAGO, L. F. Armários de vidro e corpos-sem-cabeça na biossociabilidade Gay online. **Revista Interface: comunicação, saúde e educação**, v. 17, n. 45, p. 419-31, abr./jun. 2013.

Recebido em: 30 de Outubro de 2019

Avaliado em: 5 de Novembro de 2019

Aceito em: 10 de Novembro de 2019



A autenticidade
desse artigo pode ser
conferida no site
<https://periodicos.set.edu.br>

1 Doutor em Ciências Jurídicas e Sociais; Professor Adjunto da Faculdade de Direito e do Programa de Pós-Graduação em Direito e Sociologia da Universidade Federal Fluminense. E-mail: ederfm@id.uff.br

2 Graduado em Direito pela Universidade Federal Fluminense. Mestrando (bolsista CAPES) do Programa de Pós-Graduação em Direito e Inovação da Universidade Federal de Juiz de Fora. E-mail: ramoncostta@outlook.com



Este artigo é licenciado na modalidade
acesso aberto sob a Atribuição-Compartilha
Igual CC BY-SA

